

Cláudia Andrade

ELSINORE

CARONTE
/
A ESPERA

«Há já muitos anos que na Literatura portuguesa
não aparecia uma voz tão forte.»

Público

|

D a primeira vez que o viu, aceitou com naturalidade a sua presença, como aceitaria a de um estranho que se acomodasse, de perna traçada, na intimidade do seu banco público de estação de metro.

Como tantas outras vezes, Beatriz, a propósito de um pequeno nada do passado trazido à tona por si mesma, dera um gritinho extático e corraera a ir buscar o álbum de casamento. Artur carecia tanto da força para suportar como para repelir a eterna repetição daquele ritual, e viu-se obrigado a receber a pesada encadernação de pele e a pousar os olhos, ainda que negligentemente, num canto na fotografia central da primeira página, a que abarcava todos os convivas. Beatriz contava uma história pela enésima vez, e Artur, absorto, ignorava-a. Mas então, após uns momentos olhando através dele, aconteceu vê-lo pela primeira vez.

— Este quem é? — inquiriu, fazendo ressaltar o desconhecido com duas pancadinhas da unha do indicador.

A esposa deteve-se um momento a observar a fotografia e anunciou o nome de um tio reconhecível. Artur localizou o venerável senhor de colete e sorriso largo posando imediatamente atrás, e compreendeu o engano. Para o desfazer, assestou no homem certo duas pancadinhas mais. Beatriz teve um momento de clara hesitação. Depois, recorrendo também ela a um indicador democrático, cobriu em partes iguais o visado e o convidado barbudo encostado ao seu ombro direito.

— Este?

Artur principiou a irritar-se e fez rodar o álbum em abrupta descortesia. Optou então pela abordagem descritiva.

— Este aqui, o bonito, entalado entre o meu tio, o teu colega de faculdade e essas cretinas miseráveis das tuas primas.

Viu a esposa levantar fervura devagarinho e rejuvenescer de súbito sob as sobrancelhas arqueadas. Ficou atônito. Parecia-lhe uma brincadeira desnecessária do destino que um homem, na própria semana em que decide morrer, aperceba a esposa ainda capaz de ruborescer perante a imagem granulada de um galã do passado.

Isso abalou bruscamente a delicada estrutura das suas certezas póstumas. Até aí estava seguro de várias coisas: Beatriz erradicaria para sempre as suas gargalhadas estridentes e o cigarro nocturno. Continuaría a frequentar o restaurante habitual, mas mudar-se-ia para uma outra mesa, de onde ficaria a observar, debicando as azeitonas, os espectros desta antiga realidade. À noite estender-se-ia cuidadosamente no lado da cama que sempre foi o seu, deixando livre um espaço para o seu pálido fantasma se acomodar. Ao longo de

meses embalá-lo-ia no seu choro discreto e falar-lhe-ia de vez em quando durante o delírio dos sonhos. Artur, no entanto, sabia que, fosse através de um joelho flectido em aconchego invernal ou de um braço acalorado atirado a oito numa manhã de Verão, ela haveria de tomar posse absoluta do leito conjugal e desalojar para sempre o seu espectro relutante. Terminava aí a pós-história de Artur, no exacto momento em que, caindo dolorosamente de rins incorpóreos no tapete do quarto, ele se visse obrigado a calçar os chinelos e a partir para sabe-se lá que domínios nebulosos. Evocava esse momento do futuro com a mágoa doce das memórias velhas e encontrava nele um estranho regozijo.

Mas agora, observando o rubor no rosto da esposa, percebendo-a ainda animada de vontades de que a julgava isenta, fez um acrescento agónico na sua imaginação e acabou-se-lhe a paz. Um dia, ela, penteando com os dedos o peito encanecido de algum avô divorciado dado ao *jogging*, relatará com carinhosa malícia que o pénis em erecção do marido falecido, como uma bússola enlouquecida, tinha o hábito de apontar insistentemente para a esquerda. Rirão, cúmplices. E depois ele, médico abastado ou estupor autodidacta, explicar-lhe-á como teria sido simples a intervenção cirúrgica que teria permitido um normal afluxo de sangue aos corpos cavernosos do pénis e corrigido a exuberância.

A esposa assustava-se com a expressão que ele demonstrava no rosto, observando-a, e apressou-se a desmistificar. Esse indivíduo que Artur apontava havia sido um penetra, sem dúvida, porque não pertencia a nenhuma das famílias. Não o recordava de todo. Que Artur não esquecesse que as

noivas, nesse interlúdio, eram inapelavelmente distraídas, passando toda a festa a fitar cretinamente pessoas e coisas sem realmente as verem, absortas na torta de ovos e noutros símbolos fálicos. Brincou assim em tom sedutor, tocando-o ao de leve, e Artur devolveu-lhe um sorriso triste, lembrado de que era quarta-feira.

Enquanto ela levantava a mesa do pequeno-almoço, ele foi buscar a lupa. Confirmaram-se a não-familiaridade dos traços, o ar de eslava anemia, a aura de poeta no desemprego. Eram-lhe perfeitamente desconhecidos os contornos afilados, decididamente longe da geometria dos seus, todos de cabeça hexagonal, pómulos salientes e queixos afirmativos. Na família da noiva abundavam caras ovais de orelhas proeminentes. E os amigos, os conhecidos que pelas mais diversas razões foram obsequiados com um convite, os primos afastados com os seus polimorfos cônjuges e filhos, mais ou menos característicos, mas todos reconhecíveis, cada um passível de evocar, pelo menos, como figurante numa qualquer cena obscura da memória.

Prosseguindo a busca ao longo do velho álbum, reparou, pela primeira vez, no halo diáfano de luz cinzenta em que o fotógrafo o embrulhava a si e à noiva, etérea e profissionalmente, compensando-lhes com estética romântica o ar alienado. Reparou no absurdo da moda da época sem saber que ela correspondia exactamente às tendências desse mesmo ano. Reparou também, com uma noção indolor de oportunidade perdida, no potencial erótico das coxas de uma prima já morta.

Folheado todo o álbum, voltou ao início, já a esposa cantava na cozinha arrumando a louça. E então, com um sobressalto,

deu por si a procurar. Descobriu-se, de novo dignificado por uma cobertura capilar sem clareiras, a espreitar interrogativamente as costas de um seu interlocutor. Numa outra viu-se de perfil, como um egiptólogo brincalhão numa fotografia familiar frontal, buscando com o olhar algo indefinido à sua direita. Noutra página, um jovem e profético Artur em bicos dos pés e dois quartos desequilibrado para fora do seu eixo para o lado do sogro arregalava os olhos para focar um espaço no qual mais ninguém parecia reparar, uma zona por cima do ombro do observador da película fotográfica que no longínquo presente se volta para trás, esperando encontrar lá um novo indício.

No início da tarde, demasiado agasalhado, experimentou a luz à porta como um banhista relutante. Calçava sapatos.

Cerca de um ano antes, querendo sublinhar a intenção de se pôr em forma, comprara uns ténis desportivos com os quais chegou a palmilhar a zona velha da cidade num ritmo excruciante, apreciando de relance a beleza patinada dos bairros estreitos, parando nas tabernas para beber água em copos sujos, arfando o tempo todo de forma entusiástica. Mas ao sétimo dia de treino, oitavo após a reforma, prendeu-se-lhe uma virilha e foi levado para as traseiras de uma ambulância entre grande comoção dos moradores locais que lhe tinham feito companhia todo o tempo em que jazera de borco nas pedras irregulares da calçada.

Parecia-lhe agora que, ao acenar aquele adeus à senhora gorda que se baixara para lhe meter um bolinho na boca, à criança conhecedora que lhe pontapeou as pernas para ter a

certeza de que a sua coluna vertebral não estava fraccionada, ao bêbado franzino que lhe cantara uma moda para o entreter, estava na verdade a despedir-se de si mesmo.

Ao resolver retomar os passeios, surpreendeu em si o temor de possíveis lesões e do ridículo dos ténis coloridos. Foi passear então por avenidas rectas, recuperou sem grande entusiasmo alguma da sua cinefilia de juventude. Como nos bons tempos, ocupou bancos de jardim perto da bica de água para esperar crianças de passagem, segurando pacientemente um bombom entre o polegar e o indicador. Mas parecia-lhe que já as não havia tão confiantes ou inocentes, e nem mesmo tão rosadas como antigamente, sendo-lhe cada vez mais difícil estabelecer contacto e gozar o suplício dessa tantalização.

Passou longas temporadas afundado no sofá com livros tirados ao calhas das prateleiras, cismando durante páginas inteiras nas coisas da vida, acordando de repente para parágrafos incompreensíveis.

No fim da Primavera apanhou um resfriado forte que o prostrou, e só voltou a sair para que um Outono particularmente triste zombasse do Verão que perdera. No último Inverno já só lia para adormecer e digerir as palavras com dificuldade, oscilando entre o tédio árido de trechos vazios de significado e a súbita opressão que lhe causava uma frase, base para se pôr a erigir um torreão negro do alto do qual observava toda a desolada extensão do seu passado, presente e futuro.

Nessa tarde encoberta, o que o movia porta fora era o sólido entusiasmo dos seus recentes planos de morte.

Avançou a favor do vento, atrapalhando-se com o chapéu-de-chuva e as dobras ao estilo de harmónica do folheto

da cinemateca. Alisou metade da enorme folha de papel pardo, perscrutou-a, frente e verso, abriu-a a todo o pano de braços muito abertos e então o vento arrancou-lha de repelão, suspendeu-a momentaneamente por sobre a sua cabeça e fê-la avançar em complexas coreografias aéreas.

Ele foi no seu encaicho. Para o observador que passasse, esta situação pareceria menos uma fuga e perseguição e mais o passeio tenso de um casal desavindo, ela à frente, enérgica, arrebatada, esperando-o a passos com fastio calculado, ele atrás, fingidamente indiferente, conciliador nos gestos, dominado por um desejo manifesto de chegar depressa a um consenso.

A folha, suspensa, absolutamente indiferente e desfraldada, virou-se de um lado e do outro como que a mostrar que não tinha nada na manga, e Artur, desesperado e em bicos dos pés, esgrimiu o chapéu-de-chuva no ar. Estava dolorosamente consciente da ineficácia dos seus gestos, do resvalar perigoso da sola dos sapatos, da visibilidade que os outros teriam dos seus sustos e derrapagens. Uma noção aguda de ridículo tolhia-lhe a desenvoltura possível.

Um pouco mais à frente, a folha desceu com um floreado e pousou no chão, oferecendo-se. Ele intuiu a traição. Quando dobrasse os joelhos, erguesse as nádegas aos céus e se corcovasse todo para a agarrar, ela partiria de novo, deixando-o naquela posição sem remissão. Pensou passar-lhe ao lado. Sabia, no entanto, que sem a informação que continha não arriscaria a viagem até à outra ponta da cidade e temia demasiado a incerteza das horas que ainda lhe cabiam passar. Por um momento infinito, baixou-se, de mão estendida, e depois,

reencontrada uma esperança rudimentar, alisou o folheto, consultou-o e, dobrando-o, colocou-o no bolso interior do casaco.

Mais recomposto e novamente em movimento, fez uma nota mental para prestar atenção ao mapa das linhas do metro antes de embarcar. Congratulou-se de seguida pela lembrança atempada, pela clarividência fundamental que nele tantas vezes não precede o acto seguinte, frustrando-o inevitavelmente.

Apetecia-lhe o cinema na medida em que este submergia uma boa porção da tarde. Havia a ida e a vinda, parcimoniosas, a espera pelo gongo inicial, o prólogo de anúncios comerciais e os *trailers* de outros enredos, o filme propriamente dito, o prolongar do momento final, no lusco-fusco do genérico, até que a sala se escoava de espectadores. Uma pequena vitória sobre a terrível extensão das horas.

Contrariando este seu raciocínio anterior, a hipótese de estar demasiado atrasado alarmou-o. Precipitou-se pelas escadas do metro com o bilhete já a postos, obliterou-o, desceu o segundo lanço mais calmamente, uma vez que ainda não se anunciava a chegada do comboio, e sentou-se, afogueado, voltando a estudar o folheto. Deduziu que, se o comboio chegasse no minuto seguinte e se não atrasasse em nenhuma das estações, se depois, à superfície, o fluxo de automóveis se descontinuasse o suficiente para que um peão pré-senescente ousasse arriscar e correr pela vida até à outra margem, se por fim o funcionário atrás do balcão não sofresse de má vontade contra retardatários apressados, o galopante coração de Artur teria passado a um simples trote no momento em que as

luzes se apagassem. Baloçou uma perna para cima e para baixo com compassada impaciência e em pouco tempo ouviu o estrépito das carruagens.

Sentiu a vertigem, flectiu os joelhos para a corrida preparatória e avançou, sorridente, para se lançar num abraço de boas-vindas ao vigoroso carrasco de aço. Artur, ele próprio precariamente equilibrado sobre a faixa amarela, admirava o gesto do outro Artur que avançara e parecia-lhe que o que ele fazia era algo grande, como beijar um gigante. Invejava a liberdade da-quele embate, aquela carne já destituída de mistérios, de limites, como numa monumental orgia. Cá de baixo, via lá muito em cima o sorriso do Artur intacto e o horror dos espectadores agrupados. Piscar-lhes-ia um olho desorbitado se soubesse como, orgulhoso de estar a proporcionar a cada um deles o poder vitalício de uma boa história para contar. Poderiam galvanizar assistências inesgotáveis fazendo-as saborear, entre pausas dramáticas, os pormenores pictóricos do seu corpo despedaçado.

O clangor cessou, as portas do metro abriram-se, oferecendo um inocente receptáculo de transporte, e Artur entrou em grupo. Um desconhecido estendeu-lhe o chapéu-de-chuva esquecido no banco exactamente quando principiava a atingi-lo essa suspeita de desastre. Sentou-se de olhos fechados para tactear dentro de si, com cuidado e sem conclusões, se seria essa a derradeira, a vencedora fantasia de morte ou uma outra, relativa a uma perícia funambular numa passagem aérea. Contou mentalmente as estações, depois abriu os olhos e saiu para a plataforma para descobrir que havia viajado no sentido errado.

Acabou por isso a tarde no parque, que era um cenário lacustre bem montado, pleno de fragrâncias e cores primaveris.

Havia bastante tempo que Artur ali não ia, desde que renunciara às belas crianças que eternamente pedalavam naquele caminho de gravilha por onde avançava agora, nostálgico. Abandonando-as de novo — e considerando a viabilidade de se morrer de amor —, avançou depois com as pernas trementes de cautela sobre centenárias raízes de carvalho até encontrar uma fileira de bancos onde os reformados feneciam, plácida e vagorosamente, alimentando os patos.

Sentou-se num lugar desocupado, com os pulsos cruzados sobre a pega do chapéu-de-chuva. A superfície do lago, onde namorados remavam, reflectia um verde profundo e aveludado. Veio-lhe um novo assomo de inspiração. Artur a flutuar serenamente à tona daquela água, a ondulação acariciando a carne verde e violeta, o alvo cabelo emaranhado e as órbitas desocupadas como refúgio de pequenas flores e girinos, à sua volta um séquito refulgente de peixes gordos.

O chapéu-de-chuva, elegante, repousava entre as pernas afastadas ostentando a sua longilínea inutilidade nessa tarde já isenta de nuvens. Fazia assim as vezes de um outro objecto, querido anacronismo que Artur, secretamente, sempre aspirara possuir. Um Artur apodrecido faz emergir as falanges descarnadas para afugentar os patos que se empoleiram na elegante bengala de castão de prata surgida à deriva. Coloca-a debaixo do braço e prossegue a morte.

Depois do jantar, Artur acordou pela súbita ausência de peso nos joelhos, na moinha de uma vaga dor física. Sonhara que um rapazinho de pé sobre os pedais de uma bicicleta e com um par de asas de anjo cosidas à camisola o atropelava

repetidas vezes dentro de um pequeno círculo perfeito delimitado pelo fogo de cem archotes.

Por um momento pensou que essa leveza nas pernas pudesse ser já ausência de corpo, e arrependeu-se de não ter escrito uma carta de despedida. Depois recordou-se e levou a mão ao bolso da camisa onde repousava o esboço iniciado.

Olhou em redor. Beatriz havia retirado do colo o álbum de fotografias que Artur revisitava pela terceira vez quando o sono o assaltara. Devolvia-o à estante nesse momento, equilibrada na ponta de uns pés de unhas rubras recém-pintadas. Vendo-o acordado, saudou-o com um gesto coquete e, com um cansaço infinito, Artur soube que era hora do amor impreterível e impreterivelmente sem peúgas das quartas-feiras.

Por vezes Artur rebuscava na memória o processo do seu acasalamento com uma impressão de incredulidade pura. Começaram por ser meros conhecidos que se atrapalhavam mutuamente no corredor exíguo de um velho prédio de uma outra cidade, executando uma espécie de dança composta por passos curtos de recuos e aproximações diagonais. Lá passavam depois, um pela direita e o outro pela esquerda, mas ambos com a certeza de que deveria ter sido ao contrário. Nesse tempo, ele deplorava-lhe a inépcia para a sensualidade. Mirava-a por sobre o ombro e pensava nela como a detentora imérita de um traseiro polpudo, o qual arrastava consigo a direito como uma noviça a caminho do altar. Fingiam ambos ignorar a licenciosidade do quarto de arrumações contíguo ao corredor até ao dia em que, impedindo-se um ao outro, demoradamente, a passagem, se deu a conflagração. Houve um tempo em que a havia desejado, mas isso não explica

porquê com ela — de todas as mulheres que possuía, de ancas mais coleantes, mais elanguescentes, de prazeres mais sonoros, algumas das quais recordava ter amado de peúgas com o coração em fúria —, porquê logo com ela se deixara envelhecer.

Ocorreu-lhe que, nessa noite, conseguisse ele a inspiração para desempenhar os rituais fundamentais, seria provavelmente a última vez que faria amor. Ocorreu-lhe também, com angustiada incerteza, que morreria talvez sem jamais o ter feito tão bem como podia. O que ficara realmente desses corpo-a-corpo, para lá da mecânica erótica, dos rangidos metálicos das molas do colchão, dos estalidos sonoros das articulações, dos arfares compassados, para lá dessa mescla de recordações pendulares?

Vagamente mareado, Artur aceitou a mão que Beatriz lhe estendia para o ajudar a levantar-se. E então, num arroubo de inspiração, cerrou os dentes, puxou-a para o colo e prendeu-a contra si. Perguntava a si mesmo se também ela albergava esse secreto desejo de plenitude. Queria negociar ali, nesse momento irrevogável, um verdadeiro entendimento de desejos. Propor-lhe, por uma vez que ela não saberia ser a última, deixarem-se despistar na curva mortal da volúpia. Procurou-lhe a boca e forçou-lhe precipitadamente uma mão por entre as coxas. Ela debateu-se rindo, e depois, quase zangada, libertou-se.

Um pouco mais tarde, pelo contrário, saiu perfumada da casa de banho e veio à cama entregar-se-lhe numa mansa determinação. Ele amassou-lhe molemente um seio, depois o outro, na certeza de que cumpria o mais triste ritual

do mundo, e, após penetrá-la por uns minutos, chegou a um culminar insípido. Prontamente adormeceu até que o despertou o esforço que fazia num sonho para vencer a insónia.

Então tomaram início os horrores acabados de profetizar nessa vigília sonhada, o suportar de um pingar lento, aflitivo e infundável de tempo. Uma parada de fantasmas igualmente vagarosos saídos das sombras tropeçava em Beatriz e no mistério inexplicável do seu sono tranquilo para alcançar Artur e relembrar-lhe, ao ouvido, velhas angústias esquecidas.

Acossado, passou à sala, onde recordou de súbito um outro sonho velho, um devaneio onírico que talvez nunca rememorasse não fosse ter tido como cenário essa mesma divisão e o sofá onde Artur hesitava agora em sentar-se, ora flectindo ora estendendo os joelhos, cruzando as pontas da manta sobre o peito empapado em suor.

Simpático e afável, o jovem desconhecido imanado das fileiras cerradas de convivas da sua fotografia de casamento acomodara-se ali, a preto-e-branco, na desconfortável junção dos dois assentos. Abanava um sapato de verniz na extremidade de uma perna cruzada e aceitava com uma cortesia de antigamente a chávena de chá que Artur lhe estendia. Ao fazê-lo, tocou-lhe fugazmente, muito fugazmente, mas foi quanto bastou para que Artur se impregnasse de uma impressão imensa. Era uma paz tão absoluta, uma quietação tão inesperada, que o tornava duplamente ansioso.

Arrastou uma cadeira para a frente do sofá e ficou-se a observá-lo. Congeminando significados possíveis, improvisando para colmatar fragmentos não recordados do sonho, libertado dos fantasmas anteriores e assombrado agora por uma

impressão de iluminação iminente, recordava desse homem misterioso os lábios móveis, mas nenhuma palavra.

À mesa do pequeno-almoço, Artur sorveu o café com estrépito e acompanhou cada sorvo de um estalinho de prazer com a língua. Beatriz conhecia bem esse velho stratagema. O marido insistia numa idiossincrasia irritante, ela iniciava uma contenda à qual ele lhe respondia com um cortar temporário de relações que o autorizariam, sem ter de lhe prestar explicações, a qualquer desvario apetecido. Resistiu até não poder mais para não o deixar vencer essa batalha de nervos, mas uma força maior acabou por fazê-la desferir um murro na mesa.

— Isso é de porco!

Depois de uma acalorada troca de insultos rematada pelos soluços de pranto de Beatriz, Artur anunciou uma viagem solitária à cidade natal de ambos.

Reformado, enfasiado e desapaixonado, Artur decide finalmente colocar um ponto final na sua vida. Chegou o momento de deixar para trás o tédio, as dores do corpo e todos os pequenos incómodos que, com o passar dos anos, ganham proporções desmesuradas. Mas eis que um rosto numa fotografia de casamento semeia a dúvida no espírito de Artur, uma sombra que teima em não mais largá-lo: quem é aquele homem, bonito e confiante, que surge entre família e amigos? Perante as respostas vagas da sua mulher, não resta a Artur outra hipótese senão adiar o seu plano e ajustar contas com o passado.

Depois de *Quartos de Final e Outras Histórias* — considerado um dos melhores livros do ano pela crítica —, Cláudia Andrade reafirma o seu lugar único na Literatura portuguesa com um romance pleno de ironia mordaz e crueza poética sobre a fragilidade do corpo, a memória e a pulsão da vida.

**«Cláudia Andrade é verdadeiramente (caso raro) uma nova voz
num panorama ficcional cada vez mais monótono e inócuo. (...)**

**E é-o, não pelo domínio sólido, ágil da língua de Camões,
manobra de tal modo que engendra guinadas especiais,
ou pela ironia com travo a fel, mas pela crueza poética,
pelos lances de uma visceralidade incomum.»**

Jornal I

ELSINORE entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-989-668-941-4  9 789896 689414 Ficção em Língua Portuguesa
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT	